

Charles Bukowski

A sul de nenhum norte



ALBUQUERQUE



Para Ann Menebroker

Índice

Solidão	11
Pumba pumba contra aquela cortina	19
Tu e a tua cerveja e como és o maior	27
Não há via para o paraíso	35
Política	41
O amor por \$17,50	47
Uma parelha de bêbedos	55
Maja Thurup	63
Os assassinos	71
Um homem	79
Classe	85
O senhor pare de me olhar para as mamas	91
Algo relacionado com uma bandeira vietcongue	97
É impossível escrever uma história de amor	103
Lembrar Pearl Harbor?	109

Pittsburgh Phil & companhia	117
Dr. Nazi	125
Cristo de patins	133
Um funcionário de expedição de nariz vermelho	141
O diabo estava em brasa	151
Coragem	161
Assassino a soldo	169
Foi isto que matou o Dylan Thomas	175
Sem pescoço e mau como as cobras	181
O modo de amar dos mortos	191
Todos os imbecis que há no mundo e no meu	209
Confissões de um homem louco ao ponto de viver com bichos	233

Solidão

Edna ia pela rua com o seu saco de compras quando passou pelo automóvel. Na janela lateral surgiu um letreiro:

PROCURA-SE MULHER.

Estacou. A janela tinha um grande pedaço de cartão com um material qualquer lá colado. A maior parte estava dactilografada. Edna não conseguia ler, do ponto onde se encontrava no passeio. Apenas conseguia distinguir as letras grandes:

PROCURA-SE MULHER.

Era um carro novo e caro. Edna avançou para a relva para ler a parte dactilografada:

Homem de 49 anos. Divorciado. Pretende conhecer mulher, com vista a casamento. Deverá ter entre 35 e 44 anos. Gostar de televisão e filmes de cinema. Bom garfo. Sou contabilista de custos, com emprego estável. Dinheiro no banco. Gosto de mulheres assim para o gordinhas.

Edna tinha 37 anos e era assim para o gordinha. Vinha lá um número de telefone. Também vinham três fotografias do cavalheiro que procurava mulher. Tinha um ar bastante sóbrio de fato e gravata. Tinha igualmente um ar aborrecido e um pouco cruel. E rígido, pensou Edna, rígido.

Edna foi-se embora, com um ligeiro sorriso. Ia também com uma sensação de repulsa. Ao chegar ao seu apartamento, já se esquecera dele. Só horas mais tarde, sentada na banheira, é que voltou a lembrar-se e dessa feita pensou na solidão real que seria necessária para se fazer uma coisa daquelas:

PROCURA-SE MULHER.

Imaginou-o a chegar a casa, a descobrir as contas do gás e do telefone na caixa do correio, a despir-se, a tomar um banho, com o televisor ligado. Depois, o jornal vespertino. Depois, uma ida à cozinha para cozinhar. Ali de cuecas, de olhos cravados na frigideira. A pegar na comida e a sentar-se à mesa, a comê-la. A beber o café. Depois, mais um pouco de televisão. E quiçá uma lata solitária de cerveja antes de ir para a cama. Havia milhões de homens assim pelos Estados Unidos fora.

Edna saiu da banheira, enxugou-se à toalha, vestiu-se e saiu de casa. O carro ainda lá estava. Apontou o nome do homem, Joe Lighthill, bem como o número de telefone. Releu a parte dactilografada. «Filmes de cinema.» Que expressão estranha para se usar. As pessoas já só diziam «filmes». *Procura-se Mulher*. O letreiro era extremamente ousado. Nesse ponto, ele era original.

Ao chegar a casa, Edna bebeu três chávenas de café antes de marcar o número. O telefone tocou quatro vezes.

— Estou? — atendeu ele.

— Fala o senhor Lighthill?

— Sim.

— Vi o seu anúncio. O anúncio que pôs no carro.

— Ah, sim.

— Chamo-me Edna.

— Como vai, Edna?

— Ah, tudo bem. Tem feito tanto calor. É temperatura a mais para mim.

- Pois, dificulta-nos a vida.
— Enfim, senhor Lighthill...
— Pode tratar-me por Joe.
— Enfim, Joe, hahaha, sinto-me uma idiota. Sabe porque é que liguei?
— Viu o meu letreiro?
— Bom, hahaha, mas o que é que se passa consigo? Não consegue arranjar uma mulher?
— Parece que não, Edna. Diga-me onde é que elas andam...
— As mulheres?
— Sim.
— Ah, por todo o lado.
— Onde? Diga-me. Onde?
— Olhe, na igreja. Há mulheres na igreja.
— A igreja não me agrada.
— Ah.
— Ouça, porque é que não dá cá um salto, Edna?
— Aí a sua casa?
— Sim. Tenho uma bela casa. Podemos tomar um copo, conversar. Sem pressões.
— Já se faz tarde.
— Não é assim tão tarde. Ouça, reparou no meu letreiro. É porque deve estar interessada.
— Bom...
— Está assustada, apenas isso. Está só assustada.
— Não, não estou assustada.
— Então venha cá ter, Edna.
— Bom...
— Vá lá.
— Está bem. Quinze minutos e estou aí.

A casa ficava no último piso de um prédio moderno. Ap. 17. Lá em baixo, a piscina devolvia as luzes. Edna bateu à porta que, ao abrir-se, revelou o senhor Lighthill.

Entradas na testa; nariz aquilino com pêlos a despontarem-lhe das narinas; camisa aberta junto ao pescoço.

— Entre, Edna...

Ela avançou e a porta fechou-se atrás de si. Trazia o seu vestido de malha azul. Estava sem meias, com sandálias, e fumava um cigarro.

— Sente-se. Vou buscar-lhe uma bebida.

Era uma casa simpática. Tudo em azul e verde e *extremamente* asseado. Ela ouviu o senhor Lighthill a cantarolar enquanto preparava as bebidas, hummmmmmm, hummmmmmm, hummmmmmm... Essa aparente descontração ajudou-a.

O senhor Lighthill — o Joe — voltou com as bebidas. Passou a Edna a sua e sentou-se num cadeirão do outro lado da sala, de frente para ela.

— Pois — disse —, tem estado calor, um calor infernal. Só que eu tenho ar condicionado.

— Já reparei. É muito agradável.

— Beba, beba.

— Ah, claro.

Edna deu um gole. A bebida estava boa, um pouco forte mas sabia bem. Edna observou o inclinar de cabeça de Joe enquanto bebia. Parecia ter rugas vincadas no pescoço. E as calças estavam demasiado folgadas. Pareciam vários tamanhos acima, conferindo-lhe um aspecto estranho às pernas.

— Esse vestido é muito bonito, Edna.

— Gosta?

— Gosto bastante. E, como a Edna é rechonchuda, fica-lhe mesmo justinho.

Edna não disse nada. Nem Joe. Ficaram sentados a olhar um para o outro e a bebericar.

Porque é que ele não diz nada?, pensou Edna. Cabe-lhe a ele tomar a palavra. Tem de facto uma certa rigidez. Edna terminou a sua bebida.

— Deixe-me ir buscar-lhe outra — disse Joe.

— Não, é melhor ir andando.

— Oh, deixe-se de coisas — disse ele —, deixe-me servir-lhe outra bebida. Precisamos de algo para nos soltarmos.

— Está bem, mas depois dessa vou-me embora.

Joe levou os copos para a cozinha. Já não cantarolou. Quando apareceu, passou a Edna o seu copo e sentou-se novamente no cadeirão do outro lado da sala. A bebida vinha mais forte.

— Sabe — disse ele —, saio-me bem nos testes de sexualidade.

Edna deu um gole sem responder.

— Como é que a Edna se sai nos testes de sexualidade? — perguntou Joe.

— Nunca fiz nenhum.

— Mas devia, sabe, para poder descobrir quem é e o que é.

— Acha que essas coisas são credíveis? Já os vi no jornal. Nunca fiz nenhum, mas já os vi — disse Edna.

— Claro que são credíveis.

— Se calhar não tenho jeito para o sexo, talvez seja por isso que estou sozinha — disse Edna, bebendo demoradamente do copo.

— Todos nós estamos, em última instância, sozinhos — disse Joe.

— Como assim?

— Por melhor que esteja a nossa vida sexual ou amorosa ou ambas, há-de vir o dia em que tudo chega ao fim.

— Mas que tristeza — disse Edna.

— Naturalmente. Ora bem, vem o dia em que tudo chega ao fim. Ou se dá uma separação ou opta-se por uma trégua: duas pessoas que vivem juntas sem sentirem nada. Julgo que é melhor estar sozinho.

— O Joe divorciou-se da sua mulher?

— Não, ela é que se divorciou de mim.

— Qual foi o problema?

— Orgias sexuais.

— Orgias sexuais?

— Uma orgia sexual, como saberá, é o sítio mais solitário que há. As tais orgias transmitiam-me uma sensação de desespero, aqueles caralhos todos a entrar e a sair... Peço perdão...

— Não faz mal.

— Aqueles caralhos todos a entrar e a sair, as pernas entrelaçadas, dedos que não paravam, bocas, tudo agarrado e a suar e decidido a fazer aquilo, desse por onde desse...

— Não estou muito a par dessas coisas, Joe — disse Edna.

— Julgo que, sem amor, o sexo não vale nada. As coisas só podem fazer sentido quando existem sentimentos entre os participantes.

— As pessoas têm de gostar uma da outra, é isso?

— Ajuda.

— Digamos que se fartam uma da outra. Digamos que *têm* de ficar juntas. Por motivos económicos. Filhos. Essa história toda.

— As orgias não resolvem.

— O que é que resolve?

— Enfim, não sei. Talvez a troca.

— A troca?

— É quando dois casais se conhecem *bastante* bem e trocam de parceiros. Ao menos aí os sentimentos têm uma hipótese. Por exemplo, digamos que eu sempre gostei da mulher do Mike. Gosto dela há meses. Observei a forma como atravessa a sala. Gosto dos movimentos dela. Os movimentos dela despertaram a minha curiosidade. Dou por mim a pensar no que estará em jogo naqueles movimentos. Já a vi furiosa, já a vi bêbeda, já a vi sóbria.

Até que se dá a troca. Estou no quarto com ela, pelo menos aí estou a conhecê-la. Há a hipótese de acontecer algo real. Claro que o Mike está com a minha mulher no outro quarto. Boa sorte, Mike, penso eu, espero que sejas tão bom na cama como eu.

— E funciona bem?

— Enfim, não sei... As trocas podem trazer dificuldades... *a posteriori*. Tem de ser tudo falado... tudo muito bem falado de antemão. E, ao mesmo tempo, talvez as pessoas nunca saibam o suficiente, por mais que conversem...

— O Joe sabe o suficiente?

— Enfim, essas trocas... Julgo que serão positivas para algumas... porventura para muitas pessoas. Acho que comigo não resultaria. Sou demasiado puritano.

Joe terminou a bebida. Edna pousou o que restava da sua e levantou-se.

— Olhe, Joe, tenho de ir andando...

Joe atravessou a sala direito a ela. Parecia um elefante naquelas calças. Ela reparou que ele tinha orelhas grandes. Nisto, ele agarrou nela e desatou a beijá-la. O mau hálito fez-se sentir, apesar da bebida. Era um cheiro azedíssimo. Parte da sua boca não estava em contacto com a dela. Ele era forte, mas a sua força não era pura, era uma força suplicante. Ela afastou a cabeça, da qual ele não tirou as mãos.

PROCURA-SE MULHER.

— Largue-me, Joe! Está a ir demasiado *depressa*, Joe! Solte-me!

— Porque é que vieste cá, minha cabra?

Ele tentou beijá-la outra vez e conseguiu. Foi horrível. Edna levantou o joelho. Acertou-lhe em cheio. Ele agarrou-se e caiu sobre o tapete.

— Caraças, caraças... porque é que fizeste isso? Tentaste matar-me...

Ele ia rebolando pelo chão.

Aquele rabo, pensou ela, ele tinha um rabo tão *feio*.

Deixou-o a rebolar no tapete e desceu as escadas a correr. Lá fora corria um ar fresco. Ouviu pessoas a conversar, ouviu os seus televisores. A caminhada até casa não demorou muito. Sentindo que precisava de tomar um novo banho, despiu o vestido de malha azul e lavou-se. Depois, saiu da banheira, limpou-se à toalha e colocou rolos cor-de-rosa no cabelo. Decidiu que não voltaria a estar com ele.

Pumba pumba contra aquela cortina

Falávamos sobre mulheres, olhávamos à socapa para as pernas delas ao saírem dos carros e espreitávamos janelas à noite na esperança de ver alguém a foder, embora não tenhamos visto ninguém. Certa vez, lá vimos um casal na cama e o tipo estava de roda da mulher e nós a pensarmos que agora é que ia ser, só que ela disse: «não, hoje não me apetece!» E virou-lhe as costas. Ele acendeu um cigarro e fomos à procura de uma janela nova.

— Filho da mãe, mulher minha não me virava assim as costas!

— Nem a mim. Mas que raio de homem é aquele?

Éramos três, eu, o Baldy e o Jimmy. O dia forte era o domingo. Ao domingo, encontrávamo-nos em casa do Baldy e apanhávamos o eléctrico até à Main Street. O bilhete custava sete cêntimos.

Naquela época havia duas casas burlescas, o Follies e o Burbank. Nós estávamos apaixonados pelas *strippers* do Burbank e, como as piadas eram ligeiramente melhores, era ao Burbank que íamos. Tínhamos experimentado o sítio de filmes porcos, mas os filmes não eram propriamente porcos e o argumento era sempre o mesmo. Dois tipos embebedavam uma miudinha inocente e, antes que a ressaca lhe passasse, ela dava por si num prostíbulo com uma fila de marinheiros e corcundas a baterem-lhe à porta. Para além de que os vagabundos dormiam noite e dia em locais assim, mijavam no chão, bebiam vinho e palmavam-se uns aos outros. O pivete a mijo, vinho e homicídio era insuportável. Íamos ao Burbank.

— Vão ver um espectáculo burlesco hoje, rapaziada?
— perguntava o avô do Baldy.

— Mas é que nem pensar, temos mais que fazer.

E lá íamos. Íamos todos os domingos. Íamos de manhã cedo, muito antes da hora do espectáculo, e corríamos a Main Street de uma ponta à outra a espreitar os bares vazios onde as alternadeiras se sentavam na soleira da porta com as saias subidas, a pontapearem os tornozelos sob a claridade que se infiltrava na escuridão do bar. As raparigas tinham bom ar. Porém, nós estávamos a par. Tínhamos ouvido dizer. Um tipo entrava para beber um copo e pagava os olhos da cara, tanto pela sua bebida como pela da rapariga. Só que a bebida da rapariga era fraquinha. Davam-se um apalpão ou outro e a coisa ficava por aí. Se revelássemos que tínhamos dinheiro, o empregado reparava e lá vinha a bebida adulterada e apagávamos em cima do balcão e o dinheiro ia à vida. Nós estávamos a par.

Após a caminhada pela Main Street, entrávamos no sítio dos cachorros-quentes para comprarmos os nossos cachorros-quentes a oito cêntimos e o nosso canecão de cerveja artesanal a cinco cêntimos. Levantávamos pesos, tínhamos os músculos salientes e usávamos as mangas bem arregaçadas e cada um levava um maço de cigarros no bolso do peito. Até tínhamos experimentado um curso Charles Atlas, Tensão Dinâmica, mas o levantamento de pesos parecia-nos a via mais dura e óbvia.

Enquanto comíamos os cachorros-quentes e bebíamos o nosso canecão de cerveja, íamos jogando *pinball* na máquina, a um cêntimo o jogo. Conhecíamos aquela máquina de *pinball* como a palma da mão. Quando sacávamos uma pontuação perfeita, recebíamos um jogo de graça. Havia que sacar pontuações perfeitas, pois não tínhamos dinheiro para aquela história.

Franky Roosevelt estava no poder, a situação estava a melhorar, embora a depressão continuasse e nenhum dos

nossos pais tivesse trabalho. Era um mistério a proveniência dos nossos pouquíssimos trocos, embora olho não nos faltasse para o que quer que não estivesse cimentado no chão. Não roubávamos, partilhávamos. E inventávamos. Com pouco ou nenhum dinheiro, inventávamos joguinhos para passar o tempo: um deles era ir à praia e voltar.

Esse programa costumava acontecer num dia de Verão e os nossos pais nunca se queixavam quando regressávamos tarde a casa para o jantar. Também não se importavam com as bolhas empoladas e reluzentes nas solas dos nossos pés. Só quando reparavam que tínhamos os tacões e as solas dos sapatos gastos é que começávamos a ouvir das boas. Mandavam-nos à loja dos trezentos onde havia tacões, solas e cola sempre disponíveis a um preço razoável.

A situação era idêntica quando jogávamos futebol americano na rua. Não havia financiamento público para campos desportivos. Éramos de tal forma rijos que jogávamos futebol na rua durante toda a temporada de futebol, durante as temporadas de basquetebol e basebol, e seguíamos até à temporada seguinte de futebol. Quando somos derrubados no asfalto, acontecem certas coisas. A pele esfolia-se, os ossos sofrem lesões, sangra-se, mas levantamo-nos como se nada fosse.

Os nossos pais queriam lá saber das crostas, do sangue ou das nódoas negras; o pecado terrível e imperdoável era fazer um *buraco* num dos joelhos das calças. É que só havia dois pares de calças para cada rapaz; as calças do dia-a-dia e as calças de domingo, e não se podia fazer um buraco no joelho de um dos nossos dois pares de calças pois revelava que éramos pobres e idiotas e que os nossos pais eram também eles pobres e idiotas. Portanto, aprendíamos a derrubar um tipo sem cair sobre *nenhum* dos joelhos. E o tipo que era derrubado aprendia a ser derrubado sem cair sobre nenhum dos joelhos.

Quando nos púnhamos à bulha, passávamos horas à tarefa e os nossos pais não vinham salvar-nos. Julgo que tal se deveria ao facto de nos armarmos em durões e nunca pedirmos misericórdia, eles estariam a contar que pedíssemos misericórdia. Porém, dado que odiávamos os nossos pais, não poderíamos pedir tal coisa e esse nosso ódio fazia com que eles nos odiassem, e eles vinham para os alpendres e lançavam-nos uma olhadela descontraída no meio de uma luta terrível e interminável. Limitavam-se a bocejar, a apanhar um anúncio qualquer do chão, e voltavam para dentro.

Andei à tarefa com um tipo que haveria de chegar a um posto alto na Marinha. Andei à tarefa com ele num dia desde as 8:30 da manhã até para lá do pôr-do-sol. Ninguém nos separou, embora tivéssemos estado no relvado dele à vista de toda a gente, debaixo de duas pimenteiras-bastardas com os pardais a cagarem-nos em cima o dia inteiro.

Foi uma luta implacável, foi até ao extremo. Ele era maior, um pouco mais velho e pesado, mas eu era mais maluco. Desistimos por mútuo acordo: não sei como é que isso funciona, só quem passa por ela é que percebe, mas depois de duas pessoas passarem oito ou nove horas a baterem uma na outra desenvolve-se uma estranha irmandade.

No dia seguinte, eu tinha o corpo todo pisado. Não conseguia usar os lábios para falar, nem mexer o que quer que fosse sem me doer. Estava na cama a preparar-me para morrer quando a minha mãe apareceu com a camisa que eu tinha vestida durante a luta. Estendeu-a à frente da minha cara, por cima da cama, e disse:

— Repara nos pingos de sangue que tens na camisa!
Pingos de sangue!

— Desculpa!

— Nunca mais vou conseguir tirá-los! NUNCA MAIS!

— São pingos do sangue *dele*.

— Não interessa! É sangue! O sangue não sai!

Os domingos eram o nosso dia, o nosso dia de tranquilidade e leveza. Íamos ao Burbank. Passava sempre um filme mau primeiro. Um filme antiquíssimo, que víamos enquanto esperávamos. O nosso pensamento estava nas raparigas. Os três ou quatro tipos que se encontravam no fosso da orquestra tocavam alto, talvez não tocassem bem mas tocavam alto, e as *strippers* lá apareciam finalmente e pegavam na cortina, na ponta da cortina, e pegavam naquela cortina como se ela fosse um homem e sacudiam os corpos e desatavam a pumba pumba pumba contra aquela cortina. Depois vinham a bambolear e começavam a despir-se. Se tivéssemos dinheiro para tal, até se arranjava um saco de pipocas; se não tivéssemos, que se lixasse.

Antes do número seguinte faziam um intervalo. Levantava-se um homenzinho que dizia: «senhoras e senhores, peço a gentileza da vossa atenção...» E punha-se a vender anéis indiscretos. No vidro de cada anel, aproximando-os da luz, surgia uma imagem esplêndida. A promessa era essa! Cada anel custava 50 cêntimos apenas, uma peça para toda a vida por uns meros 50 cêntimos, apenas disponível para os clientes do Burbank, não se encontrando à venda em mais lado nenhum. «É só aproximar da luz para se ver! E muito obrigado, senhoras e senhores, pela gentileza da vossa atenção. Os arrumadores passarão agora pelas coxias que vos separam.»

Dois bandalhos mal-amanhados avançavam pelas coxias a cheirar a moscatel, cada um com um saco de anéis indiscretos na mão. Nunca vi ninguém a comprar um anel. Calculo, todavia, que se aproximássemos um deles da luz, a imagem que surgiria no vidro haveria de ser a de uma mulher nua.

A banda recomeçava a tocar, as cortinas abriam e surgia o coro, constituído na sua maioria por *ex-strippers* já velhas, carregadas de rímel e *rouge* e batom, com pestanas postiças. Davam o máximo para acompanhar a música, embora ficassem sempre um pouco para trás. Mas não paravam; eu achava-as de uma enorme coragem.

Depois vinha o cantor. Era tremendamente difícil gostar do cantor. Ele punha-se a cantar demasiado alto sobre um amor que tinha corrido mal. Não sabia cantar e, quando terminava, abria os braços e inclinava a cabeça perante um fiozinho de palmas.

Depois vinha o comediante. Ah, se esse tipo era bom! Trazia um sobretudo castanho e velho, chapéu a cair-lhe para os olhos, caminhando de ombros descaídos como um vagabundo, um vagabundo sem nada para fazer nem sítio aonde ir. Uma rapariga passava pelo palco e ele seguia-a com os olhos. Depois, virava-se para a plateia e dizia, com a boca desdentada:

— Enfim, macacos me mordam!

Outra rapariga lançava-se para o palco e ele aproximava-se dela, chegava a cara à dela e dizia: «Estou velho, já tenho mais de 44 anos, mas quando a cama se parte só paro no chão.» E pronto. O que nós ríamos! Novos e velhos, o que nós ríamos. E havia o número da mala de viagem. Ele a tentar ajudar uma rapariga a fechar a mala. A roupa sempre a saltar cá para fora.

— Não consigo metê-la lá dentro!

— Deixe-me dar-lhe uma mãozinha!

— Voltou a saltar cá para fora!

— Calma, que eu ponho-me em cima dela!

— O quê? Nem pensar, em cima dela é que você não se põe!

O número da mala nunca mais acabava. Ah, o tipo tinha graça!

Por fim, tornavam a aparecer as três ou quatro *strippers* iniciais. Todos tínhamos a nossa *stripper* preferida e todos estávamos apaixonados. O Baldy escolhera uma francesa magra que sofria de asma e tinha papos escuros debaixo dos olhos. O Jimmy gostava da Mulher-Tigre (em rigor, a Tigresa). Eu chamei a atenção do Jimmy para o facto de a Mulher-Tigre ter inequivocamente uma mama maior do que a outra. A minha era a Rosalie.

A Rosalie tinha um rabo enorme que não parava de sacudir e cantava umas cançõezinhas engraçadas e, ao despir-se em movimento, falava com os seus botões e ria-se. Era a única que gostava realmente daquilo que fazia. Eu estava apaixonado pela Rosalie. Pensei muitas vezes em escrever-lhe dizendo que ela era fantástica, mas nunca arranjei maneira de o fazer.

Certa tarde, estávamos nós à espera do eléctrico a seguir ao espectáculo e eis que a Mulher-Tigre estava igualmente à espera do eléctrico. Tinha um vestido verde apertadinho e nós ficámos a olhar para ela.

— É a tua tipa, Jimmy, é a Mulher-Tigre.

— Bolas, que ela é mesmo boa! Olha-me para ela!

— Vou lá falar com ela — disse o Baldy.

— É a tipa do Jimmy.

— Eu não quero falar com ela — disse o Jimmy.

— Vou lá falar com ela — disse o Baldy, levando um cigarro à boca e acendendo-o. Em seguida, aproximou-se dela.

— Que tal, fofa! — disse-lhe com um sorriso.

A Mulher-Tigre não respondeu. Limitou-se a olhar em frente enquanto esperava o eléctrico.

— Sei quem tu és. Vi-te a tirar a roupa hoje. Tu tens jeito, fofa, é que tens mesmo jeito!

A Mulher-Tigre não respondeu.

— Como tu te mexes, meu deus, como tu te mexes!

A Mulher-Tigre continuava a olhar em frente. O Baldy ficou para ali a sorrir-lhe feito idiota.

— Gostava de te dar com ele. Gostava de foder contigo, fofa!

Fomos lá e sacámos o Baldy dali para fora. Fomos a arrastá-lo pela rua.

— Seu imbecil, não tens o direito de falar assim com ela!

— Eh pá, ela levanta-se e põe-se a abanar o rabo, levanta-se à frente dos homens e põe-se a abanar o rabo!

— Ela só está a tentar ganhar a vida.

— Ela é boa, é boa como tudo, está desertinha!

— Não bates bem.

Arrastámo-lo pela rua.

Pouco depois desse episódio, comecei a desinteressar-me dos domingos passados na Main Street. Julgo que o Follies e o Burbank ainda existirão. Claro que a Mulher-Tigre e a *stripper* asmática e a Rosalie, a minha Rosalie, já desapareceram há muito. É possível que tenham morrido. É possível que aquele rabo enorme e imparável da Rosalie já tenha morrido. E, quando vou ao meu bairro, passo de carro pela casa em que vivia e estão lá uns desconhecidos a morar. Mas aqueles domingos eram bons, a maioria daqueles domingos era boa, uma réstia de luz nos dias negros da depressão em que os nossos pais deambulavam pelos alpendres da frente, desempregados e impotentes, olhando de relance para nós enquanto andávamos à porrada uns com os outros, para depois irem para dentro e ficarem a olhar para as paredes, receando ligar o rádio por causa da conta da luz.

Por muitos considerado o melhor livro de Bukowski, *A sul de nenhum norte* é um retrato cru e fulgurante dos americanos que desistiram da sociedade e até de si mesmos. São histórias da vida subterrânea.

Um homem compra um manequim feminino pelo qual se apaixona perdidamente. Um escritor alcoólico alcança finalmente o sucesso, mas não se liberta do vício. Dois vagabundos partem para um assalto nocturno e acabam transformados em assassinos. Henri Chinaski, o inesquecível *alter ego* de Bukowski, faz-se passar por nazi na escola, em plena Segunda Guerra Mundial, só porque já não aguenta ouvir mais discursos patrióticos.

Bêbedos, escritores falhados, prostitutas, ladrões, pugilistas, bandidos: as personagens que povoam as páginas destes contos são velhos conhecidos do mundo narrativo de Bukowski. É a essas massas silenciosas, que facilmente rotulamos e proscrevemos, que Bukowski, com humor cáustico, incómoda lucidez e profunda compaixão, empresta a sua voz nestas páginas.

É a América das ruas que aqui se retrata: a América dos bordéis, das salas de jogo, dos bares mais esqueléticos, das oportunidades sempre adiadas; a América que não conheceu o Grande Sonho e de que Bukowski foi, talvez, o mensageiro mais autêntico.



«Desde George Orwell que ninguém escrevia tão bem sobre quem vive à margem.»

The New York Times

«Numa época de conformidade, Bukowski escreveu sobre aqueles que ninguém quer ser: os feios, egoístas, solitários e loucos.»

The Observer



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora

@ penguinlivros

ISBN 9789897847394



9 789897 847394 >